

Paul surge no rastro de porto e ferrovia

No início da década de 60, só quatro pessoas possuíam carro e duas tinham telefone. As ruas foram pavimentadas 10 anos depois

LABORATÓRIO Fleming

Quando tratamos de saúde o fundamento básico é a precisão no resultado. E disso, o Fleming entende, há mais de 30 anos.

Rua Henrique Laranja, 455 - Lj.02
Centro V. Velha 329.0822
Praça Assis Chateaubriand, 218
sobreloja
Ibes 339.5502

A pesar de não haver uma data exata que marque o início de sua ocupação, o surgimento de Paul, em Vila Velha, começou no final do século passado. Sua evolução, porém, está ligada ao porto e à antiga estrada de ferro Leopoldina.

"Não existe um marco, mas o cais de Paul já tinha um aglomerado significativo por volta de 1890. A partir daí, com a evolução do porto e da ferrovia, ele foi crescendo e se expandindo", explicou o diretor de Planejamento de Vila Velha, Antônio Chalhuh.

De acordo com ele, a delimitação do bairro, a exemplo do que acontece com o restante do município, ainda está indefinida. No entanto, existe um projeto - iniciado em 1997 - cujo objetivo é traçar as fronteiras de Paul, que se localiza no dis-



trito de Argolas.

Um dos comerciantes mais antigos da região, proprietário da rede Sipolatti, Aristides Sipolatti se instalou no bairro em 1960. "Naquela época, só quatro pessoas tinham carro e duas tinham telefone: seu Antônio Português e



A loja Sipolatti se instalou no bairro em 1960

seu Lauro Leite, que saía pelas ruas dando recados para todo mundo", disse.

Até então, Paul contava com uma casa de material de construção, quatro mercearias, um depósito de pão e uma farmácia. Segundo o comerciante, por cerca de 10 anos a situação do local se manteve a mesma.

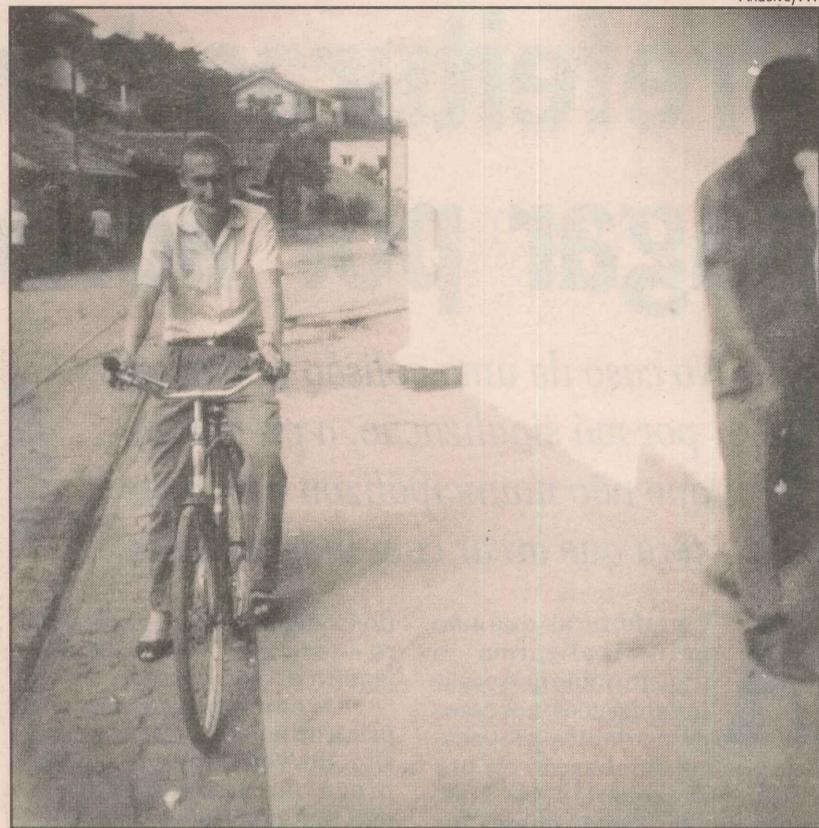
Só a partir do início da década de 70 o sistema de telefonia começou a se expandir e as ruas receberam calçamento. "A condução era difícil também e só funcionava até as 22 horas. Só o bonde, às vezes, ia até as 22h30. Depois disso, quem quisesse voltar para casa era só a pé ou de táxi", afirmou Sipolatti.

PORTO

O porto, na época, tinha grande movimento, o que ajudou a desenvolver o bairro. "Os japoneses, alemães, coreanos, chineses e todos os gringos adoravam comprar umas bandejas de borboleta, que vinham de São Paulo, meias, perfumes, facas e pratos", lembrou.

Proprietária do bar Estrela desde 1962, Tarcília Borlot - casada com Eutímio Borlot - disse ter saudades de quando a linha do bonde, que fazia ponto final na porta de sua loja, passava dentro do bairro.

"Era tão bom! O bonde era mais gostoso e o passeio mais bonito. Sem falar que fazia menos barulho e menos poeira que os ônibus de hoje", concluiu ela.



Eutímio Borlot: um dos moradores mais antigos

Lembranças de Altemar Dutra

Um bairro tradicional e pacato. É esta a definição que os moradores mais antigos de Paul fazem do local. Eles se lembram com emoção da época em que o cantor Altemar Dutra fazia serenatas para animar a noite. Anos mais tarde, ele faria sucesso e partiria de vez para seguir sua carreira.

"Ele ia quase todo final de semana cantar no Depósito de Pão Verônica, do Otho Kueler, e no bar Vacamoto, que era de um coreano. Na época Altemar tinha entre 18 e 20 anos", contou o comerciante Aristides Sipolatti.

A funcionária pública Maria Isabel Silva, mais conhecida como dona Bezinha, moradora de Paul há 54 anos, disse que o cantor morava em São Torquato (um bairro vizinho), mas devido a suas amizades, vivia em Paul.

"Ele era muito amigo de meu irmão, Paulo Silva, e vinha aqui tocar violão e fazer serenatas. Altemar nasceu em Minas e, desde pequeno, foi morar na rua da Torneira, com a mãe dele, dona Geralda, que era lavadeira. Ele adorava tocar nas pilhas de dormente, na beira da linha", lembrou a moradora.

Além da presença ilustre do cantor, que viveu no bairro

até os 25 anos de idade - depois ele foi morar no Rio de Janeiro, onde começou sua carreira - dona Bezinha se recorda do tempo em que era preciso carregar água para casa.

"Quando eu cheguei aqui, por volta de 1945, não tinha nada, era mato e morro. Eu carreguei muita lata d'água na cabeça. O carro passava no viaduto e a gente enchia as latas para levar para casa", disse.

COMPRA

Dona Bezinha conta que a casa onde mora até hoje foi comprada pela mãe, por 12 mil réis. "Naquela época tinha muito ferroviário morando no bairro e também muito pó de minério. As roupas do varal encardiam, mas hoje melhorou muito", garantiu ela.

Instalada na região de Paul e Atalaia desde o final dos anos 40, a presença da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) no bairro foi marcada pela construção do cais de Atalaia - conhecido como Péla Macaco - e o acesso da Estrada de Ferro Vitória a Minas, destinados ao embarque e transporte de minério de ferro.

Arrendado à Companhia Docas do Espírito Santo (Codesa), a Vale opera o cais de Paul há mais de 40 anos.

Sai verba para campo e praça

Recém-instalado em Paul, o consórcio PEIU está realizando um projeto social junto à comunidade. O primeiro passo foi a doação da área do campo de futebol Leopoldina e de verbas para reformar a praça Antenor Fassarela, a principal do bairro.

"Nós queremos dar melhor qualidade de vida à comunidade e também queremos que as pessoas participem do porto", observou o gerente-geral da PEIU, Fernando Almeida.

De acordo com o presidente da Associação de Moradores de Paul, Ronaldo Batista, por meio de uma permuta, já aprovada pela Câmara de Vila Velha, o terreno que abriga o campo de futebol Leopoldina será definitivamente entregue à comunidade local.

"Com o dinheiro que o pessoal do PEIU deu, nós vamos reformar o campo e a praça principal", garantiu o presidente. A citação da obra deverá durar uma média de 90 dias.



EXCLUSIVO

Narrados por

Pe. Marcelo Rossi

Salmos TEMÁTICOS

ATACADO
PREÇO
ESPECIAL

ALBUM COMPLETO 3 X
(6 CDs) R\$ 38,50

LIGUE
E RECEBA
EM CASA

Admitimos Vendedores no Interior do Estado.

BRITU'S 200-2302
Com. e Distribuição Lt. Rua Prof. Baltazar, 170 - Centro